

# ÉVORA

## (Museu de Évora)

Também conhecido como Museu de Évora, o Museu Nacional Frei Manuel do Cenáculo (MNFMC) foi criado em 1914. Encontra-se hoje instalado no Antigo Paço do Arcebispo de Évora, sito no Largo Conde de Vila Flor, em pleno Centro Histórico da cidade de Évora. Conforme destaca a DGPC, a importância e a diversidade da Coleção do Museu e o seu percurso histórico, cuja origem remonta a Frei Manuel do Cenáculo e à fundação de um pequeno museu anexo à Biblioteca Pública de Évora em 1805, transformam o MNFMC numa instituição incontornável para se conhecer e compreender a história e as manifestações artísticas e culturais de Évora, da região e do todo nacional. A extinção das Ordens Religiosas em 1834 e a consequente integração dos seus espólios contribuíram para a criação das coleções de Ourivesaria, sobretudo composta por alfaias litúrgicas, joalheria e têxteis, essencialmente paramentaria litúrgica.

Fontes: DGPC | Museus e Monumentos | Rede Portuguesa de Museus |  
Museu Nacional Frei Manuel do Cenáculo ([patrimoniocultural.gov.pt](http://patrimoniocultural.gov.pt))  
Museu de Évora - Museu Nac. Frei Manuel do Cenáculo ([culturaportugal.gov.pt](http://culturaportugal.gov.pt))

## Museu de Évora

**I**NTEGRAM AINDA este museu significativas coleções de pintura, escultura, mobiliário, objetos científicos e ainda de história natural.

### JACENTE DE D. DURANDO PAIS

Procedente da Sé de Évora recolheu-se, primeiro na Biblioteca Pública de Évora e, mais tarde, no Museu Municipal de Évora, a tampa, com estátua jacente, do bispo D. Durando Pais (ME, Inv. 1748).

O túmulo de D. Durando Pais foi concebido para a capela-mor da Sé de Évora, onde permaneceu até 1718. Nesse ano, com a reforma barroca da cabeceira do templo, promovida por D. João V e da autoria de João Frederico Ludovice (1673-1752), foi removido para o claustro. Durante esse processo perdeu-se o rasto do sarcófago, só se preservando a tampa. Nos alvares do século XX, algures entre 1899 e 1903, a tampa acabaria por transitar para a Biblioteca Pública de Évora, onde, por iniciativa de António Francisco Barata, se começou a reunir aquele que viria a ser o núcleo embrionário do Museu Regional de Évora (hoje Museu de Évora). As suas dimensões atuais são 176,5 m de comprimento, 54 cm de largura e 89 cm de altura máxima.

A biografia de D. Durando Pais foi traçada por vários autores, nomeadamente Leontina Ventura, Alfredo

Pimenta e Moisés Bensabat Amzalak. Natural de Coimbra, filho de Paio Godins, D. Durando estudou na Sorbonne, onde terá convivido com alguns dos nomes maiores da cultura de seu tempo, nomeadamente São Tomás de Aquino (que ali lecionou entre 1252 e 1259). Na Sorbonne recebeu o grau de *Mestre em Artes*. Alcançou algum prestígio na academia parisiense uma vez que foi seu *Procurador* junto do papa Clemente IV (1265-1268). Estas circunstâncias explicam o facto de ter escrito o primeiro *Comentário* conhecido no Ocidente ao tratado *Da Economia*, de Aristóteles, então traduzido por Guilherme de Moerbecke (que era capelão e penitenciário de Clemente IV). A redação desse *Comentário*, no mesmo ano de 1267 em que Moerbecke terminou a sua tradução, revelam que, mesmo depois de ter regressado ao reino, manteve contactos com os meios intelectuais europeus, assegurados por estadias no estrangeiro. A sua carreira eclesiástica em Portugal começou na diocese de Braga, onde foi cónego a partir de 1250. Na Chancelaria de D. Afonso III, D. Durando (ou Durão) Pais surge sucessivamente como cónego de Braga, reitor da Igreja de Santa Maria de Óbidos (cujo *Livro de Aniversários* regista o seu óbito), chanceler da rainha D. Beatriz e, finalmente, bispo de Évora. Segundo Leontina Ventura, terá sido clérigo de D. Afonso III e seu conselheiro (entre 1250 e 1264), notário do rei (entre 1251 e 1263) e chanceler da rainha D. Beatriz (entre 1253 e 1263). Nota-se, portanto, uma grande



Tampa do bispo D. Durando Pais



Pormenores da  
inscrição no lateral  
direito da tampa

proximidade e influência do prelado junto de D. Afonso III e de D. Beatriz, que se prolonga até cerca de 1264. Em abril ou maio de 1267, quando estava em Roma, representando os interesses da Sorbonne, foi nomeado bispo de Coimbra pelo papa Clemente IV. Esta nomeação foi singular, uma vez que, nessa altura, o prelado conimbricense continuava vivo. Mas foi com esse estatuto que assinou, no exemplar de Paris, o seu *Comentário* ao tratado de Aristóteles: *Explicit textum Yconomice compositum a Durando de Hispania Colibriensi Episcopo*. Mas, como o prelado de Coimbra, D. Egas Fafes de Lanhoso, ainda era vivo, acabaria por ser transferido por Clemente IV para a diocese de Évora, de que foi bispo entre 26 de julho de 1267 até à sua morte, ocorrida em 1283. Aqui, teve um papel determinante no arranque da reforma arquitetónica do templo eborense. Com efeito, a Sé de Évora conheceu um primeiro templo, românico, que se iniciou cerca de 1186 e foi sagrado em 1204. A sua construção prolongou-se por alguns anos mais, até aos meados da centúria. Durando Pais decidiu empreender a reforma gótica do templo, cujas obras arrancaram talvez depois de 1279 quando, após a morte de D. Afonso III, passou a residir com mais regularidade em Évora. A obra, que se iniciou precisamente pela capela-mor, demorou bastantes anos a ser edificada, só sendo sagrada em 1308, numa cerimónia assinalada por epígrafe. De acordo com a sua inscrição laudatória, que esteve colocada junto do seu túmulo e que foi, em 1718, transferida para a capela do Santíssimo Sacramento ou do Santo Lenho, o seu passamento ocorreu a 2 de abril de 1283. Preservam-se duas inscrições de conteúdo funerário relativas a D. Durando Pais. A mais curta está gravada no lateral direito da sua tampa com jacente, dizendo:

HIC : QUIESCIT : BONE : MEMORIE : DOMNUS : DURANDUS :  
 EPISCOPUS : ELBORENSIS : Q(U)I : DEDIT : INICIUM : HUIC :  
 OPERI : CUIUS : ANIMA : REQ(U)IESCAT : IN : PACE : AMEN :

Na capela do Santo Lenho da Sé de Évora conserva-se uma outra epígrafe, versificada, com o seu elogio:

QUAM : LOCUPLETAVIT : PRECIBUS : EDIFICAVIT /  
 HANC : PRESUL : SEDEM : DURANDUS : QUATENUS  
 : EDEM /  
 HUNC : SUBLIMAVIT : SALVATOR : et : INCIPIAVIT /  
 LU(C)TUS : ABSQUE : MORA : PLACITI : SINT  
 : POSTERIORA /  
 CERNENTES : LAPIDEM : DICANT : DEUS : HUIC  
 : MISERERE /  
 NOSCENTES : VERE : QUOD : VENIENT : AD : IDEM /  
 ANNIS : MILLENIS : TER : CENTUM : BIS : QUOQUE  
 : DENIS /  
 UNO : DECESSIT : AP(R)ILIS : LUCE : SECUNDA



Perspetiva zenital do jacente



Pormenor das mãos do jacente

O monumento de D. Durando Pais foi a quinta experiência ao nível da escultura tumular jacente em Portugal, depois dos moimentos de D. Urraca (f. 1220, executado entre 1220 e 1223), de D. Rodrigo Sanches (f. 1245, executado cerca 1260), de D. Tibúrcio (f. 1246, executado cerca 1249-53) e de D. Egas Fafes de Lanhoso (f. 1268, executado cerca 1260). Trata-se, para mais, da primeira experiência de escultura jacente a sul do Tejo e a primeira criada em mármore, oriundo das pedreiras da zona de Estremoz/Borba/Vila Viçosa. Este facto revela-se nas evidentes dificuldades que o seu autor teve ao lidar com uma rocha tão dura. A sua estátua espelha as limitações de uma experiência pioneira. A figura do prelado revela alguma desproporção entre as várias partes do seu corpo e alguns pormenores anatómicos foram tratados de forma quase *naïf*. Mas isso não esconde o grande cuidado que foi colocado na execução desta tampa, que se espelha, nomeadamente, nos pormenores decorativos.

A sua cabeça repousa sobre duas almofadas, as quais apresentam ornamentação na face visível para o público. A mitra, baixa, apresenta os galões decorados e o prelado revela cabelo cortado a acompanhar o contorno da mitra. A sua face, trabalhada de forma elementar, revela as dificuldades enfrentadas pelo seu escultor. Olhos (fechados), nariz e boca foram pouco mais que apontados, e as orelhas receberam tratamento grosseiro. O prelado enverga as vestes episcopais de cerimónia distinguindo-se, em baixo, a *alba*, cuja manga direita remata com bordado. Sobre a alba foi colocada uma *estola*, decorada com motivos cruciformes junto do pescoço, onde se cruza, e apresentando, nas extremidades inferiores, motivos distintos e remate em franja. Por cima de tudo, enverga uma *casula*, com orla decorada com flores-de-lis, que remata, em toda a sua extensão, com franja. Na mão esquerda, D. Durando empunha

um *manípulo*, finamente decorado com motivos cruciformes. Os seus braços cruzam-se sobre o corpo, com a mão direita repousando sobre a esquerda e ostentando o anel episcopal. Mas, ao contrário do que é usual, não enverga luvas, sendo bem visíveis as unhas do prelado. Os pés, com o calçado episcopal – as *sandálias* – revelam a sola alta que caracterizava este elemento da indumentária dos bispos, que os colocava, simbolicamente, num plano superior ao dos seus fiéis. A superfície principal do seu calçado ostenta decoração em espinha-de-peixe. Colocado por baixo do seu braço esquerdo, e estirado ao longo do corpo, foi representado um báculo, com nó esférico e remate com crosse em voluta.

Apesar das limitações resultantes do facto de ser uma obra pioneira em mármore, que se sentem na face esquemática, na desproporção entre as várias partes do corpo, nas pregas excessivamente rígidas e em V, a tampa com jacente de D. Durando Pais revela o cuidado que foi colocado na representação dos pormenores ornamentais e o empenho que o Cabido de Évora colocou na encomenda de um monumento que dignificasse o prelado, que tivera um papel determinante na construção do novo templo eborense.

Texto: MJB - Fotos: JNG

### Bibliografia

ALMEIDA, C.A.F. e BARROCA, M.J., 2002, p. 222; AMZALAK, M.B., 1955; BARATA, A.F., 1874, pp. 152-154; BARATA, A.F., 1903, p. 13; BARROCA, M.J., 2000a, Insc. n.º 401 (de 1283), pp. 1030-1036 e Insc. n.º 402 (de 1283, abril, 2), pp. 1037-1042; CORREIA, V., 1924b, pp. 62-64; DIAS, P., 1986, pp. 121-122; ESPANCA, T., 1966, p. 120; GOULÃO, M.J., 2009, p. 51; GUERREIRO, J.A., 1971, pp. 13-19; MACEDO, F.P., 1995, p. 438; PIMENTA, A., 1942, pp. 341-359; SANTOS, R., s/d, I, p. 253; SILVA, J.C.V. e RAMÔA, J.R., 2009, pp. 104-105; SOUSA, J.M.C., 1946, p. 8; VENTURA, L., 1992, II, pp. 768-770.

### PLACA ESMALTADA DE APLICAÇÃO

Esta placa oval de aplicação deu entrada no Museu Nacional Frei Manuel do Cenáculo (Inv. n.º 1), de Évora, em 1915. Pertenceu antes à Biblioteca Pública da mesma cidade, tal como consta no catálogo da *Exposição Retrospectiva de Arte Ornamental Portuguesa e Hespanhola*, de 1882, da qual fez parte. É possível que tenha integrado a coleção do reconhecido intelectual e colecionador Frei Manuel do Cenáculo (1724-1814). Eminentemente personalidade do Portugal de Setecentos, com uma notável carreira clerical e arcebispo de Évora entre 1802-1814, o prelado doou a sua vasta Livraria Eclesiástica Pública e o seu Museu à Igreja Metropolitana de Évora, em 1811. Entre este vasto

acervo contava-se “uma numerosa e rica colecção de medalhas de todos os metais, romanas, portuguesas, e de outras nações”, desafortunadamente bastante lesada pelo saque francês de 1808. Nas palavras do ilustre senhor, “tudo quanto era ouro e prata foi saqueado, como também rasgados os livros e feitos em pedaços os manuscritos”. Amante das “antiguidades”, buscou a memória antiga do “Reyno de Portugal”, desde os povos mais distantes aos tempos medievais e da renascença.

É possível que esta placa fizesse parte do acervo doado pelo eclético colecionador, mas, na verdade, o seu percurso é desconhecido, não se sabendo, tão-pouco, a que objeto pertenceu originalmente. Tem sido interpretada, pela crítica, como uma placa de cruceiro de cruz, destinada ao reverso e oposta à imagem do Crucificado. Os sete furos visíveis na orla atestam que esteve realmente, em tempos, pregada a uma alma de madeira. No entanto, é possível encontrar placas com estas características também em cofres relicários, altares portáteis e coberturas de livros, possibilidades enquadráveis na posição e gostos do arcebispo D. Frei Manuel do Cenáculo.

A placa apresenta no reverso uma marca gravada semelhante ao número 9, que Ana Paula Machado interpretou como sendo um P invertido ou em forma de báculo, considerando que esta peça, por se encontrar marcada, pode servir de referência para o estudo das punções de esmalte medieval. Sinais idênticos são perceptíveis em placas soltas distribuídas por vários museus, que conviveram

originalmente com outras num mesmo objeto. São os casos das placas da “Prudência” do Museu de Cleveland e uma outra no de Cluny representando “Elias e a Viúva de Sarepta”, ambas com a letra D gravada no reverso, produzidas na região do Mosa e datadas de 1160-70. Christine Descatoire decifrou o D como referente a *dextra*, um sinal de posicionamento no lugar que ocupavam nas cruzes. Fliegel interpretou-os também como marcas de fabrico, ou mais concretamente, e na linha de Descatoire, como marcas de localização para a montagem nas almas de madeira, dúvidas que reclamam um estudo de conjunto a nível europeu.

A pequena peça (10,2 x 8,5 cm), de cobre dourado e esmaltado em *champlevé*, data, segundo Ana Paula Machado, do segundo quartel ou meados do século XIII. A composição é dominada pela imagem de Cristo em Majestade, dourado e destacado do fundo azul escuro que cobre toda a superfície. Está representado de corpo inteiro, alongado e volumoso, sentado sobre um coxim almofadado e enquadrado pelo arco-íris, apoiando os pés sobre um escabelo, um pequeno banco de extremidades enroladas e desenhado em planta. As vestes são complexas, distinguindo-se o manto (*bimation*), em torno do ombro esquerdo e sobre as pernas, bem como a túnica de mangas largas e debruado elaborado, decorada com motivos geométrizados e gravados na gola. Uma faixa idêntica envolve a perna sob o joelho esquerdo, visível noutros exemplares esmaltados e que Gauthier (segundo Machado) associou a peças datáveis

Placa esmaltada de aplicação. Anverso



Placa esmaltada de aplicação. Reverso



do primeiro quartel do século XIII. O corpo alongado e a pequena cabeça desproporcionada em relação ao corpo volumoso, bem como os pregueados mais soltos, apontam, de facto, para uma plástica conforme aos padrões do século XIII. A cabeça é coberta por cabelos longos, distribuídos simetricamente até aos ombros, a barba ovalada, apresentando um rosto de traços bem vincados, com os olhos rigorosamente gravados e expressão severa, respeitando uma estética que prolonga a tradição dos Cristos bizantinos. O grande nimbo reflete a dignidade do Salvador, combinando o esmalte vermelho da cruz grega com os dois tons de azul e branco que a envolve. O Messias abençoa com a mão direita e a mão esquerda sustém o livro fechado dos Evangelhos (com encadernação elaborada e bem desenhada), ligeiramente erguido.

Em cada um dos lados da cabeça suspendem as letras Alfa e Omega do alfabeto grego, elementos correntes na iconografia ocidental do século XII, que recordam uma conceção apocalíptica da existência e a crença absoluta na Segunda Vinda do Cristo. Combinadas com a figura do *Pantocrator*, as duas letras sintetizam a interpretação de Cristo como único *Tempus*, o início e o fim de todo o Calendário, conforme O próprio declara no epílogo do Apocalipse, narrado por São João (Ap 22, 13).

O fundo é preenchido por rosetas de diferentes tamanhos e policromia diferenciada, assinaladas por meio de

círculos dourados e que conciliam cores frias e cores quentes. Motivos e tons respeitam as associações frequentes nos esmaltes de tradição limusina: branco, azul turquesa, azul cobalto e vermelho; amarelo, verde, azul e vermelho.

A iconografia deste Cristo em Majestade respeita a tradição oriental e siríaca, de rosto severo e corpo enquadrado na mandorla em forma de *vesica piscis*. Apesar da postura hierática e frontal, a posição das pernas, com os joelhos separados e o direito mais pronunciado e avançado, cria uma ligeira noção de profundidade, conferindo nobreza e serenidade à imagem. Este efeito é acentuado pelo encontro das linhas pregueadas da túnica e do manto sobre a perna esquerda, que conferem algum volume e movimento à imagem. Estas características ajustam-se às conceções estéticas difundidas no decurso da primeira metade do século XIII, período possível para a execução desta pequena placa.

Texto: ACS - Fotos: JNG

#### Bibliografia

AA.VV., 1993, p. 62; BARRÓN GARCÍA, A.A., 1998, pp. 437-438; BRIGOLA, J.C.P., 2014, pp. 32-37; CERÍACO, L.M.P. e BRIGOLA, J.C.P., 2014, pp. 275-276; GEORGE, P., 2014, pp. 45-72, 62-68 e 91-92; SANTOS, A.P.M., 2021, p. 60; SANTOS, A.P.M., 2018, p. 145; SANTOS, A.P.M., 2016, n.º 10; S.A., 1882, n.º 184.